

Capítulo 32

Solidaridade planetária

Em todo mundo vê-se aumentar a preocupação com a situação em que se encontram os pobres. Estamos chegando a um ponto que a distância entre ricos e excluídos é tamanha que não dá mais para tapar o sol com a peneira: temos urgentemente que priorizar as nossas ações, individuais e coletivas, para minorar o quadro de miséria que assola o País e o mundo. Só assim poderemos afirmar que somos uma humanidade civilizada.

As barbáries de ontem, infelizmente, ainda não cessaram. Quando vemos irmãos nossos da África ou mesmo na Índia em situações de penúria é de cortar o coração. O fato é que as estruturas sociais e econômicas existentes são bastante perversas e não representam sequer um sopro de cristandade na Terra. É impossível pensar em Cristo, visualizar a presença do Cristo em nós e vermos contingentes imensos de seres humanos sem a devida atenção social e em desamparo quanto a sua inserção no uso dos bens econômicos a quem têm direito.

Quando meu Pai, que despertaremos em saber que da satisfação coletiva depende a satisfação individual? Penso que a América Latina, tão pródiga de bons homens, poderia imediatamente reverter as condições de

miserabilidade, malgrado tenhamos ainda a convivência de estruturas arcaicas e modernas que sustentam um patamar de desigualdade inaceitável. Penso, também, que um pouco esforço efetivo da Organização das Nações Unidas poderia, em pouco tempo, reverter situações adversas de convívio social, a depender de um pouco mais de generosidade das nações ricas que precisam perceber, de uma vez por todas, que é impossível manter o quadro atual de privilégios que sempre caracterizou esta enorme dependência das nações mais fracas, a custa do sofrimento da sua gente, em ter que reter bem pouco da sua riqueza produzida em detrimento das transferências cada vez mais crescentes das suas riquezas internas.

Os esforços bilaterais entre países emergentes e ricos ainda são bastante tímidos para assegurar condições de sustentabilidade, criando condições efetivas de avanços sociais e econômicos. Deriva, quase sempre, para a esmola e não para ganhos permanentes de produtividade econômica e desenvolvimento social.

A presença do Cristo nas relações internacionais se dará quando enxergarmos no ambiente das negociações o traço insofismável da solidariedade. O grau que vemos hoje é bastante tímido, pois os homens, não em sua maioria felizmente, acreditam que as desventuras das outras nações não lhes pertencem, até porque acreditam já possuírem problemas demais nos seus países de origem. Não é assim. As tais estruturas de competitividade econômica internacional destroem qualquer possibilidade de ganho coletivo uma vez que privilegiam como resultado o lucro econômico e, em nenhum momento, o lucro social. Sob

estas perspectivas, haveríamos de mudar radicalmente a forma como conduziríamos os negócios internacionais.

Por que não criamos, por exemplo, um fundo de solidariedade internacional? Um fundo que tivesse a preocupação básica de subtrair continuamente as parcelas de excluídos do mundo. O fato de já nos juntarmos em oito compromissos para a construção de uma humanidade melhor representa grande progresso, mas não vemos, no conjunto das nações, uma preocupação focalizada nos pontos eleitos. É um compromisso ainda sem comprometimento.

O dinheiro, pensam muitos, ainda anda muito escasso para se ter a rojos de solidariedade. Não é verdade. Dinheiro se tem e muito, mas está bastante concentrado nas mãos das nações ricas que se vê assolar, cada vez mais, as discórdias internacionais em notícias crescentes de terrorismo, alimentado, entre outras razões, pela condição excludente de como desenvolvem os seus negócios. Deveríamos repensar estas condições adversas sob a perspectiva global e desenvolver no seio das nações mais ricas a noção real que a globalização deveria nos impor: a solidariedade planetária. Isto sim é o significado mais adequado para a globalização.

As perdas pela falta de solidariedade nas relações internacionais aprofundam entre os homens distâncias enormes. Não nos aproximamos, pelo contrário, criamos barreiras muitas vezes intransponíveis de se passar. O Brasil exerce um papel importante no conjunto das nações, o de partilhar com outros países experiências de trocas efetivas, possibilitando o repasse de tecnologias, sobretudo

de cunhos sociais, para alavancar da miséria nações irmãs – que nos vêem com bons olhos, diferentemente de outros países que, infelizmente, já se marcaram como fonte de exploração constante ao longo dos séculos.

Há que mudarmos urgentemente as estruturas atuais de relações e repasses financeiros, se quisermos alterar as condições de miserabilidade existentes. É desumano, inadmissível, continuar a levar as coisas como se nada estivesse acontecendo, como se nada existisse. Infelizmente seria necessário colocar, mais e mais, nas telas de TV internacionais, as cenas dantescas de meninos e meninas esqueléticos que vivem em cenários subumanos para ver se chocando a atenção despertasse a sensibilidade fraterna que o Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou como base essencial para a felicidade dos povos.

Não podemos viver mais assim. A grande bomba que se arma hoje não é mais a atômica, que tanto me aterrorizou quando estava vivo fisicamente na Terra, mas é a bomba social. Esta bomba é terrível, porque está alimentada diariamente na revolta popular pelas injustiças, as quais são vítimas, como também pela situação de exclusão e consciência dela que são mais crescentes. Ora, as manifestações recentes na França³⁰, por exemplo, são retrato fiel que isto tudo não pode continuar.

Onde está a doutrina amorosa e fraterna do Cristo? Guardada apenas nos templos de devoção e nas páginas

³⁰ As chamadas mesas girantes, protagonistas da chamada dança das mesas, foram fenômenos aos quais alegava-se natureza mediúnica, amplamente difundido na Europa e nos Estados Unidos, a partir de meados do século XIX.
Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

amareladas dos livros sagrados? Ou apenas nas lembranças esporádicas de compromissos religiosos de praxe?

Não mais o Cristo do crucifixo distante, mas o Cristo atuante como ele foi, defensor das bandeiras sociais e humanas que promovessem a paz e a justiça entre os homens. Um Cristo reacionário diante da hipocrisia farisaica. Um Cristo inconformado com as estruturas perversas, hoje de um capitalismo excludente e selvagem. Um Cristo libertador das ignorâncias de toda sorte. Um Cristo fraterno em aproximar todos como irmãos.

*“Onde há duas ou mais pessoas reunidas em meu nome eu aí estarei”*¹⁸, adiantava o Senhor das nossas vidas. E onde ele está nas reuniões das cúpulas internacionais? Por que não o chamam? Certamente porque não acreditam verdadeiramente em suas palavras proféticas.

Irmãos, juntemos os nossos esforços para doravante lutarmos ainda mais pela justiça entre os povos, pela partilha justa do pão do Senhor, para que nenhum dos seus filhos se sinta subtraído daquilo que lhes pertence.

Creiamos na sua presença em nossas vidas e com todas as nossas forças comecemos, ao menos, a mudar a realidade de nosso entorno e que o nosso exemplo, de amigo do Cristo e amigo do nosso irmão, se irradie e pouco a pouco ganhe a escala planetária que desejamos.

Que Deus nos abençoe!

¹⁸ Mt 18,20